O IMPACTO DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEITORA DO ALUNO EM ESCOLARIZAÇÃO

MÁRCIA REGINA SCARPA PILON

Resumo:

Compreende-se que a escola possui papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento do aluno e, para isso, é de fundamental importância a utilização de recursos que dialoguem com a linguagem natural do público que, por sua vez, é predominantemente lúdica, especialmente na Educação Infantil e séries iniciais. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo estudar como as contações de história favorecem o desenvolvimento infantil, sobretudo, o estímulo para o desenvolvimento da competência leitora. Para atingir os objetivos propostos, foi desenvolvido um estudo de cunho bibliográfico. E os resultados evidenciaram que as contações de histórias possuem papel crucial para que a criança desde cedo explore a cultura letrada, desenvolva criticidade, capacidade reflexiva e visão de mundo, interagindo com as mais diversas experiências exploradas em cada conto. Contudo, evidencia-se a necessidade de trabalhar de forma lúdica para favorecer esse processo, tornando-o leve, prazeroso e permitindo que o aluno demonstre postura mais ativa, autônoma e encontre espaço para construir o conhecimento a partir dos mais diferentes papéis que as histórias podem propor.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; Contação de histórias; Competência leitora; Literatura Infantil.

1 INTRODUÇÃO

O papel da escola na contemporaneidade é pauta de grandes estudos, uma vez que é necessário encontrar ferramentas que auxiliem na formação integral do aluno para o pleno exercício de cidadania. Neste contexto, a proposta da educação para as crianças passou por inúmeras mudanças ao longo da história, considerando que o atendimento não deveria ser apenas de caráter assistencialista, e sim com estímulos adequados para oferecer toda a base necessária para o seu desenvolvimento pleno.

Com isso, surge a necessidade de alinhar as ações para que contemplem este público a partir de sua linguagem natural, visando explorar o máximo do seu potencial. Neste sentido, a ludicidade apresenta-se como ferramenta capaz de promover o desenvolvimento da criança através da fantasia, imaginação, criatividade, interação, entre outros.

Embora a linguagem lúdica esteja presente em várias ações das escolas atuais, as contações de histórias ganham destaque devido ao acesso à cultura letrada, oferecendo uma formação que faz do aluno autônomo, crítico, reflexivo e com visão de mundo, através do acesso às diferentes culturas e exploração do próprio imaginário.

Dessa forma, acredita-se que há uma diferença fundamental entre ler e contar histórias, considerando que a leitura por si só pode ser um mecanismo de apresentar informações, enquanto contar histórias associa-se o universo lúdico e faz com que as crianças reflitam, criem, interajam e deem asas à imaginação.

O estudo justifica-se em razão da necessidade de estar em contato com o universo literário, pois é imprescindível para o desenvolvimento da criança, uma vez que múltiplas habilidades são exploradas, além de encaminhá-la ao processo de alfabetização e letramento. No entanto, é preciso que o professor se aproprie de recursos e estratégias alinhadas a linguagem natural da criança, para que todas as suas potencialidades sejam verdadeiramente exploradas e, principalmente, a desperte para a reflexão, criticidade, visão de mundo, bem como a torne um leitor assíduo. A pergunta norteadora do estuo é: como as estratégias lúdicas utilizadas no momento da contação de histórias estimulam a criança de maneira integral?

Neste sentido, entende-se que contar histórias é um ato complexo, que exige conhecimento, técnicas e sensibilidade para despertar o educando para o universo da imaginação. Quando as práticas de leitura são associadas ao lúdico, a criança se sente contemplada e torna-se receptiva ao conhecimento, uma vez que as práticas são mais dinâmicas e atrativas, despertando a imaginação, curiosidade, criatividade, entre outros.

Sendo assim, é preciso compreender a contação de histórias como uma verdadeira arte e não um ato mecanicista de apresentar uma obra, pois a partir disso, o professor poderá se apropriar de ferramentas que tornem este momento rico em estímulos capazes de trabalhar a criança de maneira integral.

A pesquisa tem como objetivo geral estudar como as contações de história favorecem o desenvolvimento infantil, sobretudo, o estímulo para o desenvolvimento da competência leitora. E como objetivos específicos traçar um panorama histórico da infância e literatura infantil, explorar como a contação de histórias favorece o desenvolvimento integral do aluno e conhecer quais estratégias o professor pode utilizar para potencializar a contação de histórias a fim de estimular o desenvolvimento da competência leitora.

Trata-se de um estudo exploratório de revisão de literatura. A bibliografia utilizada contempla livros e artigos científicos disponí-

veis nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, com renomados autores do campo da literatura infantil.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 OS CONTOS INFANTIS

De acordo com Coelho (2000), a literatura apresenta-se como toda linguagem expressa proveniente de uma experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com precisão, pois cada período histórico caracteriza-se por uma literatura cheia de especificidades.

Para compreender as diversas obras que temos hoje, é necessário analisar a singularidade de cada período, conhecendo a longa caminhada literária, considerada inacabada, pois está em constante evolução, mas que a cada período é marcada por grandes autores e obras que perduram por uma eternidade.

As primeiras obras voltadas ao público infantil foram publicadas na primeira metade do século XVIII na Europa. Anteriormente, no século XVII, alguns contos foram escritos, e após sofrerem algumas adaptações, são reconhecidas até os dias atuais. Entre os principais autores da época, destaca-se Charles Perrault, citado por Carvalho (2009, p. 77)

A literatura infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássicos dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias; por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da literatura, e elegê-lo criador da literatura da criança. (CARVALHO, 2009, p.77).

As obras de Perrault reproduziam a sua visão da sociedade, influenciadas pelo folclore, como também evidenciaram um novo conceito literário: os contos de fadas (CASTRO, 2004). Entre o vasto leque de obras do autor, destaca-se: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, O gato de botas, Cinderela, Barba Azul e o Pequeno Polegar

No entanto, embora esses autores tivessem contribuições essenciais para a literatura infantil, o acesso era extremamente restrito, ou seja, as crianças de classe popular não tinham acesso as obras e muito menos a escrita, enquanto as crianças da alta sociedade eram alfabetizadas e desfrutavam de todos os contos (COELHO, 2000).

Neste sentido, considerando que a educação não era acessível para todos os povos, todo conhecimento adquirido através da leitura e universo lúdico não era vivenciado por todas as crianças, que devem ter uma infância rica em conhecimento independentemente de condição social.

Já no século XIX, Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm, popularmente conhecidos como irmãos Grimm, trouxeram um novo estilo para a literatura, através do romantismo, utilizando da simplicidade e de personagens populares para a elaboração de seus contos (COELHO, 2000).

Os irmãos Grimm criaram diversas histórias infantis e publicaram uma coleção de contos no ano de 1812 que introduziram algumas especificidades nos personagens da literatura infantil que perduram até hoje, tais como camponeses, alfaiates, mágicos, bruxas, entre outros, que caracterizam muitos dos contos literários voltados a este público

(CARVALHO, 2009).

As principais obras e contribuições para a literatura infantil desta autor são as obras João e Maria, A gata Borralheira, Branca de Neve etc.

Ainda no século XIX, o autor Hans Cristian Andersen enriqueceu a literatura infantil com diversas obras aplicando a natureza viva e plenitude dos movimentos, através de uma linguagem encantadora, dando vida aos objetos mais simples presentes em suas obras (CASTRO (2004).

Dentre suas principais contribuições destacam-se O patinho feio, A pequena Sereia, O soldadinho de Chumbo, entre outros. O referido autor mostra que no final do século XIX, a literatura infantil chega no Brasil, onde o surgimento da literatura foi compatível com a revolução industrial e o processo de urbanização que ocorreu neste mesmo período.

Diante deste novo cenário, foi inevitável a aparição de grandes consumidores de bens culturais, que colocavam o conhecimento como uma das maiores necessidades dentro deste modelo social (CASTRO, 2004).

De início, a literatura infantil foi trabalhada apenas no cenário escolar, para ensinar conteúdo da Língua Portuguesa, sendo mais uma vez um recurso didático de acesso apenas aos que tinham capital (COELHO, 2000).

Através das obras citadas, percebe-se que diferentemente do que foi observado no século XVII, ou seja, o acesso restrito às classes sociais elevadas, os contos citados fazem parte da infância e repertório de todas as crianças mundialmente.

Dentre as diversas mudanças decorrentes da revolução industrial, o Brasil começou a evoluir no requisito literatura, e passou a traduzir e adaptar diversas obras literárias para o público infantil. A partir disso, surgiu a necessidade da criação de obras nacionais que interagissem com este público, pois a necessidade de consumo de produtos culturais era muito evidente.

De acordo com Coelho (2000, p. 30), "o caminho para a redescoberta da literatura infantil, foi traçado pela psicologia experimental,

que considerava a inteligência um elemento construtivo do universo que cada um constrói dentro de si." Dessa forma, as manifestações pedagógicas e literárias surgiram na fase em que o saber passou a ser valorizado, sendo um padrão ideal a ser alcançado pela população brasileira.

Assim, a literatura infantil no Brasil inicia-se com Monteiro Lobato, que descreveu de forma didática suas obras através do folclore e sua imaginação. Sandroni (1998) complementa:

Com a publicação de A Menina do Narizinho Arrebitado, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada especialmente as crianças e jovens. (SANDRONI, 1998, p. 13).

O sucesso de Lobato se deu pela utilização da realidade muito comum das famílias brasileiras em suas histórias, retratando simples acontecimentos cotidianos, gerando identificação com o público-alvo, como obra A menina do Narizinho arrebitado que se tornou sucesso nacional para as crianças (COELHO, 2000).

O autor utilizava da linguagem simples para melhor assimilação das crianças, direcionando a obra ao seu público-alvo, buscando gerar consciência e capacidade crítica, o que remete muito aos conceitos de letramento. Para isso, Lobato deixou um pouco de lado o padrão culto da língua e introduziu a oralidade na fala dos personagens, deixando seus contos mais emocionantes e palpáveis. Este sucesso resultou na união de diversos contos que formou o tão famoso Sitio do Pica Pau Amarelo.

Para Abramovich (1997), Lobato buscou o nacionalismo na criação de personagens que refletiam a brasilidade na linguagem, nos comportamentos, na afetividade, na relação com a natureza.

Assim, o espaço do Sitio do Pica-pau Amarelo constitui sempre o ponto de entrada de todas as narrativas. Reinações de Narizinho arrebitado, obra que da início a etapa mais fértil da ficção brasileira, com personagens representando seres humanos como, Lucia, Pedrinho, D.Benta, Tia Anastácia, que apresentam a mesma textura das personagens inventadas (a Boneca Emilia, o Sabugo Visconde de Sabugoza, o Pequeno Polegar). O autor traz para a literatura infantil o maravilhoso, o fantástico, um mundo de fantasias que se torna "real" no momento em que o pequeno leitor se envolve na história.

Sem dúvida Monteiro Lobato revolucionou e contribuiu muito para o desenvolvimento da literatura infantil brasileira, mas é importante lembrar que no Brasil os pioneiros da literatura infantil foram: Carl Jansen (1823-1889) nasceu na Alemanha e ainda jovem mudou-se para o Brasil, onde trabalhou como jornalista e professor, traduziu clássicos como Robinson Crusoé (1885) e Viagens de Gulliver (1888). Outro pioneiro brasileiro foi Figueiredo Pimentel (1869-1914) publicou coletâneas como os contos da Carochinha (1894) (ZILBERMAN, 2005, p.90).

A literatura é a manipulação do sentimento ou pensamento por meio de palavras, frases, textos e desenhos, pois a criança não tem vocabulário para comunicar toda a sua emoção ou sentimento (ABRAMOVICH, 1997).

Literatura é uma atividade de construção, onde exprime à alegria e a angústia, as certezas e os mistérios do homem. Fundamentada na emoção, na fantasia, na imaginação, no sentimento e acima de tudo na liberdade. É um conjunto de obras ou de escritos literários. Segundo Souza (2014) a definição também está relacionada ao público que atende, e não apenas pelo texto resultante desta manifestação.

Ainda de acordo com Souza (2014, p. 5) "a característica deste público pertence a uma faixa etária, e estimulação familiar, uma revelação com o mundo da escola e o convívio com a sociedade. Trata-se de uma criança que ainda não ultrapassou situações que, temporária não deixa de se mostrar importante".

Cada conto de fada possui um valor educativo. Ensina a ver, a escutar, a pensar e a viver por si mesmo. A ela é fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, nos põem mais críticos diante do mundo. E, porque essa recriação que bloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, e que é indispensável à construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem (HELD, 1980, p.234).

Este universo enriquece a imaginação da criança, oferecendo-lhe condições de libertação sadia, ensinando-lhes a libertar-se pelo espírito, levando-a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

Dessa forma, atualmente a literatura infantil não é entendida apenas como um recurso pedagógico, ela abrange um sentindo mais amplo, o de propiciar ao leitor (criança) uma nova visão da realidade, podendo estimular o exercício da mente de maneira divertida e agradável. Além disso, disponibiliza a criança o contato com o belo, com a arte, com o encantamento.

Analisando as palavras de Held (1980), constata-se que os livros que compõem a literatura infantil são aqueles com os quais as crianças se identificam e os escolhem de acordo com seus interesses, oferecendo divertimentos e revelando curiosidades.

A palavra literatura significa arte, prazer, independente do adjetivo que receba. Portanto o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita

somente para crianças. Meireles (1979, p.89) complementa dizendo sobre os contos de fadas: "[...] representam o exercício de poética e beleza, que é escrito para qualquer pessoa e que possa agradar as crianças".

Dentre vários conceitos para literatura infantil, Cunha (1998, p. 35) destaca: "Contos de fadas são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criançada".

Pode-se perceber que uma das características que define os contos de fadas é o despertar da imaginação e da criatividade do leitor, proporcionando momentos prazerosos, constituindo um mundo repleto de magia.

Segundo Abramovich (1997, p. 18) "Os contos de fadas, não só encantam, como oportunizam ao leitor (criança) adquirir conhecimento de si próprio e do mundo que lhe cerca. Deste modo, possibilita aprendizagens e desenvolvimento".

A literatura infantil mostra a forma como a criança se relaciona com o outro. Enquanto a literatura infantil exercita sua imaginação e criatividade, interagindo com o mundo adulto, tentando compreendê-lo. Sabe-se que por intermédio da literatura infantil que a criança constrói seu mundo e desenvolve todas as suas formas de expressão.

Ao observarmos as crianças, vivenciando cenas do dia a dia, criando e recriando seu espaço, percebe-se que suas emoções afloram, sua socialização é mais solicitada e seu cognitivo é estimulado. Os contos de fadas representam situações da vida cotidiana por meio do quais as crianças representam e exploram o conhecimento, deixam transparecer suas emoções e extravasam suas necessidades.

Assim, através desta modalidade de literatura que a criança faz valer sua interação com o outro, contribuindo assim, em seus aspectos morais, sociais, culturais e intelectuais.

Quando as crianças escutam histórias, pode se observar sinais de alegria, prazer, desejos. Portanto através das atividades desenvolvem habilidades sociais, física e intelectual além de desenvolver suas percepções (ABRAMOVICH, 1997).

Por meio dos contos de fadas, a criança apresenta emoções e sentimentos, como ódio, alegria e tristeza. À medida que se desenvolve, apresenta emoções ligadas a estimulação sensorial. As emoções estão ligadas ao bem-estar no grupo em que a criança esta envolvida. Dessa forma, envolve a afetividade e tem a importância de criar, descobrir e aprender através do mundo a sua volta.

A literatura infantil, como toda arte, é uma forma de expressão importante e desempenha um papel decisivo na vida da criança. Não deve ser apresentada como forma de passatempo, mas como uma atividade que, além de proporcionar a recreação, contribui para o desenvolvimento infantil.

No mundo infantil a literatura é, ao mesmo tempo, recreação, prazer, terapia, fantasia, comunicação, levando o leitor a imaginar que, através das histórias, é capaz de conhecer várias formas de viver, pensar, sonhar e agir. E assim é capaz de transformar um simples pedaço de papel enrolado ou madeira, numa espada para o príncipe salvar a sua amada das mãos da rainha malvada. Deixar a literatura infantil invadir as salas de aula é permitir que algo encantador transforme o imaginário infantil (ABRAMOVICH, 1997).

Trabalhar com a literatura infantil na instituição educacional é "abrir as cortinas do mundo para uma plateia de seres que buscam a construção do ser como sujeito de uma sociedade" (SOUZA, 2014, p.6).

Neste sentido, o capítulo a seguir evidenciará como o professor deve explorar o universo lúdico através dos contos de fadas, colocando os alunos em posições que transcendam as de ouvintes e receptores de conteúdo, para que se tornem autores de sua própria aprendizagem.

2.2 O IMPACTO DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

Ouvir histórias possibilita a criação e descobertas por meio de diversas obras literárias. "Compartilhar o texto lido é muito importante, pois dessa forma surgem dúvidas, comentários, as crianças que ouvem histórias desenvolvem com mais facilidade o interesse de reproduzi-la oralmente como se estivesse lendo" (COELHO, 1999, p.36).

A criança inserida ao mundo da leitura desde cedo tem uma compreensão mais ampla acerca das situações que a rodeia, considerando que as práticas que envolvem leitura conduzem as crianças gradativamente a encontrar dentro das histórias situações similares as que o afligem, as histórias devem ser lidas e relidas pelo professor, pois a cada leitura a criança assimila e acomoda um meio de se apropriar de formas que o conduzam a superar seus anseios.

Segundo Bettelheim (1976) os contos fornecem respostas para situações diversas da vida, mostrando sobre perigos, problemas, sonhos e situações que podem ser ultrapassadas com uma dose de otimismo, fé e perseverança.

Dessa forma, consideramos que o ato de contar histórias é fundamental, para o desenvolvimento das crianças. E a importância de cultivá-las para que elas não se percam com o tempo, não sejam abandonadas jamais, que a magia do "Era uma vez [...] permaneça

para que continuemos a acreditar que é possível "viver feliz para sempre" (COELHO, 1999, p.91).

As fantasias transmitidas pela ludicidade expressa nas contações de histórias transformam os momentos mais dolorosos, a possibilidade de se colocar no lugar do personagem da história tira o peso do problema da criança e a partir daí ela se abre para superação. Dessa forma, verifica-se o potencial das contações para auxiliar o aluno a sentir e interpretar o mundo, lidando com diversas questões do mundo real e cotidiano.

Como afirma Abramovich (1997, p.17):

A contação de histórias pode ser fundamental para o desenvolvimento pleno, linguístico, intelectual e social da criança. Através da ludicidade, ela ajuda os pequenos a entenderem as dificuldades do cotidiano, desenvolve a atenção, a concentração, a criatividade, aumenta o poder de imaginar e oferece condições para o desenvolvimento da leitura e escrita. Logo, colaborando para a formação de futuros leitores e cidadãos críticos com uma visão global da sociedade.

Nesse sentido entende-se que a criança não processa os fatos, da mesma forma o adulto, as informações factuais não fazem sentido, diante disso o professor deve se apropriar de recursos lúdicos que conduzam o alunado a compreensão.

"Pode-se assim perceber o quão importante são as histórias no desenvolvimento das crianças, principalmente na infância, fase da vida em que todas as áreas do cérebro estão abertas para aprendizagens e quando todos os hábitos se formam" (ABRAMOVICH, 1997, p.12). Por isso, cabe ao professor e também aos adultos educadores (pais, familiares, entre outros) desenvolverem essa atmosfera para estimular que desde cedo o contato com os contos se façam presente, pois o estímulo a competência leitora significa abrir uma via muito mais ampla e cheia de possibilidades para a construção de saberes.

A linguagem lúdica contida nos contos de fadas desenvolve na criança a capacidade de sintetizar e condensar a realidade por meio dos recursos da ficção, fazendo com que ela reconheça e descubra na observação de outras vidas, de outras realidades, que possuem muitos pontos que se aproximam e ao mesmo tempo se diferenciam de sua própria vida, de suas experiências cotidianas. Segundo Aguiar (1988, p.14)

A literatura mostra o mundo por dentro, pois a ela o que interessa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato que o indica com outros homens de tempos e lugares diferentes.

Pode-se afirmar que as contações de histórias compõem um universo extremamente lúdico e rico, sendo a mais completa e gratificante maneira para a criança formar sua leitura de mundo, e despertar para rabiscar, traços e desenhos desde cedo.

De acordo com Coelho (2000), os contos, sobretudo, os intitulados como contos de fadas, pertencem ao mundo dos mitos e possui espaço privilegiado na vida humana, pelo fato do ser humano necessitar de subterfúgios para suprir suas necessidades internas, segundo o autor, os mediadores mágicos e os opositores são essenciais na construção do eu, pois se tornam modelos para a criança propiciando-lhes a leitura do bom e do mau.

A imaginação, a fantasia, a emoção e a ludicidade contribuem para a criança aprender a sua realidade, atribuir-lhe um significado e perceber a arte como algo indissociável de seu universo infantil, habituando-se ainda ao uso de uma linguagem simbólica e criativa. Assim, o tamanho do mundo da criança depende de alcance de sua fantasia e imaginação criadora.

Desta forma, conforme cita Coelho (2000) é extremamente importante que a infância seja enriquecida com meios para que as crianças explorem o campo fértil da imaginação e aprendam através da linguagem lúdica, que corresponde ao seu instinto natural de compreender e ver o mundo.

A partir do contato com a Literatura Infantil, que acontece inicialmente através de seu ângulo sonoro, a criança ouve histórias e tem a posse dos códigos de leitura que amplia seus pensamentos, considerando que passa a ter curiosidade natural sobre inúmeras questões que envolvem seu desenvolvimento, seja através do seu próprio corpo, ou do mundo externo.

O contato original da criança com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagem visual. Ao longo de seu desenvolvimento ela se interroga e é interrogada sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, sofrimentos e descobertas. Tudo isto lhe ajuda a se compreender melhor. É muito normas as crianças procurarem ter seus momentos próprios para suas experiências, suas vivencias e suas dúvidas (HELD, 1980, p. 34).

A contação de histórias sempre expressou um ato de linguagem, de representação simbólica do real e faz a criança sentir-se identificada com os personagens incorporando a trama da história, fazendo-as agir como se fossem elas próprias as personagens. A história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança que internaliza como se fosse um alimento de sua imaginação. Para Fanny (2002, p. 16):

Ouvir histórias é importante para a formação de qualquer criança, escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e se leitor é ter um caminho absolutamente in-

finitivo de descobertas e de compreensão do mundo.

O primeiro contato da criança com um texto é feito através da voz da mãe, pai, avô, avó e padrinhos, contando-lhes contos de fadas, histórias vividas, trechos bíblicos, histórias inventadas, entre outros. Neste sentido, é importante ressaltar que, para as crianças, ouvir história é fundamental, pois estimula o desenhar, o sair, o ficar, o pensar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história ou outra diferente.

A relação da história com a criança que sabe ler é diferente, porém continua sentido enorme prazer em ouvi-la. Este é um momento de prazer, divertimento, encantamento, sedução.

De acordo com Coelho (2000) os leitores se dividem em estágios psicológicos, nomeados como: O pré-leitor que compõe duas fases, dos 15/17 meses aos 3 anos, onde a criança faz leitura do entorno através do tato e afeto processo nomeado como fase da

"invenção da mão", devido a ação da criança pegar tudo o que encontra.

A segunda fase se acontece dos 2 a 3 anos, fase de domínio de valores essenciais tais como a saúde e estímulos sensoriais, onde o pequeno leitor sente falta de afetividade, passa por mudança e seguem caminhos que a conduzem a percepção do próprio ser.

Depois desse processo a próxima etapa contempla o leitor iniciante, a partir dos 6/7anos, onde a criança está na fase de aprendizagem da leitura já reconhece os signos do alfabeto, também conhece algumas silabas, está no princípio de processo de assimilação conscientização do real, necessita de professor o estimule apresentando livros e histórias e com objetivo de lhe inserir no mundo presente dentro dos livros, conduzindo a criança a decodificar sinais gráficos, que os conduziram ao mundo da escrita (COELHO, 2000).

A criança que já sabe ler o autor denomina como o leitor em processo a partir dos 8/9 anos, nesse período a criança já adquiriu domínio da leitura, aumenta sua curiosidade em conhecer as coisas, a estruturação do seu pensamento tangível e o conduz a realização de operações mentais nesses momentos a criança se sente desafiada e levanta diversos questionamentos.

E por último é o leitor fluente, onde o domínio da leitura já está consolidado, bem como o entendimento do mundo composto nos livros e a concentração do leitor é maior, através de reflexões que favorecem seu conhecimento aprofundando sua percepção do mundo (COELHO, 2000).

A criança ao ler uma história também desenvolve um potencial crítico formando sua própria opinião e formando seus próprios critérios. Desse modo faz-se necessário à leitura presente, sistematizada na rotina escolar e não uma vez por ano. A criança aprende a deglutir e a enxergar o livro como um todo podendo assim analisar, explorar o formato do livro, o desenho se é ou não adequado para tal história, se a capa faz alguma chamada, com muitos questionamentos.

Para Fanny (2002, p. 11) "A literatura infantil é fundamental no desenvolvimento de um sujeito como leitor". Além disso, ressalta-se a comprovação de que é por meio da imaginação, da magia, da emoção, da fantasia e do lúdico que a criança pode compreender a realidade atribuindo-lhe um significado, portanto o mundo da arte é o que mais se aproxima do universo infantil.

Os contos possuem o poder de fazer a criança viajar no mundo da fantasia, imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

Qual a criança que não ouviu palavras como "Era uma vez" e teve a sua atenção rapidamente direcionada para o locutor da história. Seus olhos, ouvidos ficam atentos, escutando a narração e seu imaginário fluindo junto com os acontecimentos da história.

É portanto, de uma relação que se estabelece entre o eu e o outro (tudo que não seja o próprio eu) que nasce a consciência e desta resulta o conhecimento. E porque a consciência nos leva ao conhecimento, ela se nos impõe como fator essencial da obra literária (COELHO, 2000, p. 50).

Neste sentido, destaca-se a necessidade de os contos serem trabalhados adequadamente no universo escolar. No entanto, é comum verificar profissionais que atuam de forma completamente centralizadora, ou seja, acreditam que o professor é detentor de todo o saber, e oferecem uma participação mínima do aluno no processo de ensino aprendizagem.

Na prática, isto representa o ensino tradicional, mecanicista, marcado por poucas trocas, e muita passividade por parte do aluno. Dessa forma, o professor transmite, e o aluno apenas acata os seus dizeres

Conforme cita Maluf (2003), há uma nova proposta de ensino aprendizagem, que enfatiza a necessidade de uma formação profissional mais ampla, baseado no construtivismo, que faz do aluno ativo na aquisição de saberes, e o professor mediador entre o objeto de estudo e aluno.

Na prática, isto não significa que o professor tenha menos importância, muito pelo contrário, a sua formação precisa ser muito ampla para que ele compreenda a importância de formar o aluno autônomo, bem como passe a ter um novo olhar sobre as brincadeiras, e principalmente, saiba conduzir e intervir de forma adequada.

Fontana (2000) apresenta algumas definições a respeito da mediação, mostrando que ser mediador é se posicionar entre o ensino e a aprendizagem, sem dar respostas prontos, mas viabilizando caminhos para que os alunos as encontrem.

Neste contexto, percebe-se que o professor que atua como mediador, desenvolve um trabalho colaborativo para o exercício da autonomia, ampliando a participação das crianças nas atividades e tornando as aulas mais dinâmicas, além de capacitá-las ao exercício pleno de cidadania.

Ainda de acordo com Fontana (2000, p. 65), a mediação terá sucesso quando o professor:

Interagir com a criança, e não a coagir;

Interagir com a criança procurando compreender seu mundo e o modo de ela vivenciá-lo; para isso, é preciso entender o universo dela e o processo que está em andamento;

Considerando o conhecimento de mundo que a criança traz, valorizá-la, estimulá-la e proporcionar-lhe outros conhecimentos e outras leituras; Estimular a reflexão e a busca de respostas; Usar o “erro” da criança para buscar o “acerto”;

Não ignorar nem desrespeitar as várias formas dialetais utilizadas pelos alunos. Ao contrário, num clima de respeito, desde a Educação Infantil, encorajar todas as crianças a falar, a escrever e a ler como sabem; Der voz à criança e orientá-la a respeitar a fala dos outros.

A importância da atuação do professor como mediador, como um elemento intermediário, externo: uma "ferramenta auxiliar da atividade humana" (OLIVEIRA, 1993, p. 27).

Oliveira (1993) cita Vygotsky para falar sobre mediação, mostrando que esta consiste em uma intervenção, baseada no processo de estímulo-resposta, em que a relação deixa de ser direta e passa a receber intervenção de um elemento externo. Assim, o professor se posiciona entre a criança e o objeto de estudo, visando o seu desenvolvimento.

A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, a importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas (OLIVEIRA, 1993, p. 33).

De acordo com Brougère (1998), a mediação não consiste necessariamente em fazer uma interferência direta, mas também quando o professor trabalha para criar uma atmosfera, um espaço, colocando estímulos que encaminhem o aluno aos objetivos propostos.

Na prática, em uma oportunidade de leitura, seria como colocar livros no espaço, na altura dos alunos, deixar que escolham e a partir das leituras, realizar perguntas para que comecem a interagir sobre o entendimento, abrindo um amplo espaço para associações, desabafos, relatos do cotidiano, entre outros.

Dessa forma, a mediação representa um convite para a aprendizagem e nem sempre vai necessitar do professor agindo diretamente na postura centralizadora. Por isso, é possível dizer que se trata de um novo hábito e que requer tomada de consciência do adulto para oportunizar que o aluno saia do papel de receptor de conteúdo para autor de sua própria aprendizagem.

3. CONCLUSÃO

Por meio da realização deste trabalho, conclui-se que a contação de histórias é uma das ferramentas mais importantes no processo de desenvolvimento, do pensamento, da leitura, da escrita e da formação do aluno como ser social, cultural e crítica, que possa ser atuante em sua sociedade. É no contato com qualquer forma de literatura que os indivíduos têm a oportunidade de enriquecer e ampliar sua própria experiência de vida.

Para atribuir na relação entre interpretação do texto literário e a realidade não há melhor caminho do que a utilização de obras infantis, especialmente os contos de fadas devido à linguagem lúdica. Assim, a literatura infantil pode ser crucial para o processo de formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. As obras podem favorecer a criança no entendimento de certos valores básicos da ação humana ou convívio social. Nesta perspectiva, a aproxima da realidade da vida e favorece o desenvolvimento da competência leitora por colocá-la em contato com situações do cotidiano e temáticas relevantes para a sua formação enquanto cidadã, criando espaço para reflexões, diálogos, associações, entre outros.

O trabalho com as contações envolve muito mais o esforço do professor e conhecimento a respeito das inúmeras competências e habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, pois não exige grandes recursos, podendo ser executado grandiosos trabalhos apenas com um conto impresso. O mais importante é o professor compreender a sua função de mediador do processo, além de criar um ambiente harmônico, compatível com o objeto de estudo, favorecendo o aluno na aquisição de seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo, 1997.

AGUIAR, F. Como incentivar o hábito da leitura. 7 ed. São Paulo: Ática ,1988.

BETTELHEIN. L. O que é literatura infantil. Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1976.

BROUGÉRE, Guiles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

CASTRO, Célia Romea. Linguagem oral e escrita na Educação Infantil. In LLEIXA, Arribas Teresa (Org.). Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar. 5 ed. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: Teoria - análise - didática. 7 ed. São Paulo: Moderna,1999.

COELHO, Nelly Novais; Literatura Infantil: Teoria Análise Didática. Edit. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

FANY, Eni Pulccnelli. Discurso e Leitura. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

HELD, Ivonete Peixer. Importância das aulas de leitura na biblioteca. Revista PraticAção, Itajaí, n°03: p.06, dezembro, 1980.

MALUF, Cristina Munhoz. Brincar Prazer e Aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MEIRELES, Ivonete Peixer. Importância das aulas de leitura na biblioteca. Revista Pratic-Ação, Itajaí, n°03: p.06, dezembro, 1979.

OLIVEIRA, Marta. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1993.

SANDRONI, Laura. De Lobato à Década de 70: 30 anos de Literatura para Crianças e Jovens: Algumas Leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOUZA, Maria Cristina. A literatura infantil e o seu poder de formar leitores. Revista Interescola. 1.ed. São Paulo: 2014.

VASCONCELLOS, Celso. Para onde vai o Professor? Resgate do professor como sujeito de transformações. São Paulo: Libertad, 1998.

ZILBERMANN, Regina. A Literatura infantil na escola. 11.ed. São Paulo: Global, 2005.